

Pingo de quê?



Pingo de quê?



Recife, 2014

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Governador: Eduardo Henrique Accioly Campos

SECRETARIA DE MEIO AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE - SEMAS

Secretário: Sérgio Xavier

SECRETARIA EXECUTIVA DE MEIO AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE

Secretário: Hêlvio Polito Lopes Filho

AGÊNCIA ESTADUAL DE MEIO AMBIENTE - CPRH

Diretor Presidente: Carlos André Cavalcanti

DIRETORIA DE CONTROLE DE FONTES POLUIDORAS

Diretor: Waldecy Ferreira Farias Filho

DIRETORIA DE GESTÃO TERRITORIAL E RECURSOS HÍDRICOS

Diretor: Nelson José Maricevich

DIRETORIA TÉCNICA AMBIENTAL

Diretor: Paulo Henrique Camaroti

DIRETORIA DE RECURSOS FLORESTAIS E BIODIVERSIDADE

Diretor: Paulo Teixeira

Copyright © 2014 by CPRH

É permitida a reprodução da presente obra, desde que citada a fonte.

Texto

Francicleide Palhano de Oliveira

Produção Executiva

Núcleo de Comunicação Social e Educação Ambiental

Ilustrações, capa e projeto gráfico

Carlos Vanderlei Pinto - (81) 3444.2412

AGÊNCIA ESTADUAL DE MEIO AMBIENTE - CPRH

Rua Santana, 367, Casa Forte - Recife - PE - CEP: 52.060-460

Telefone: (81) 3182-8800 - Fax: (81) 3441-6088

Site: www.cprh.pe.gov.br • E-mail: cprhacs@cprh.pe.gov.br

Ouvidoria Ambiental

(81) 3182-8923 - ouvidoriaambiental@cprh.pe.gov.br

Apresentação

A CPRH vem adotando trabalhar a Educação Ambiental também através das artes. Assim, por meio de textos teatrais, da literatura, da contação de histórias, são repassadas informações ambientais para um público bem diversificado, nas diferentes regiões do Estado.

Desta vez, um peixe e um rio. Ou seria uns peixes e uns rios? Pingo é peixe que questiona, querendo entender não só o rio, mas o que há além das margens que limitam o rio. Onde ele vive, também há poluição. Também há perigos e medos. Bullying. E descrença. Mas Pingo, por ter a “cabeça nas nuvens”, quer compreender melhor o mundo – o seu e o outro que ele sabe ter. Como toda busca é cheia de desafios, esta história é também um desafio para nós: que mundo queremos e que mundo buscamos?

Pingo de quê? não tem respostas. Ou pelo menos não tem respostas óbvias. Penso que a autora quis provocar interrogações. Será? Afinal, no meio ambiente, o que não faltam são perguntas pedindo respostas. Muitas delas, nós as temos. Outras, nós precisamos buscá-las, construí-las. É uma luta diária, cotidiana, essa: de colocar os pontos nos is!

Carlos André Cavalcanti
Diretor Presidente da CPRH

Na fila da escola, a ordem era sempre a mesma:

- Vamos, vamos, quero organização!
Os peixes maiores na frente! Os peixes maiores na frente!

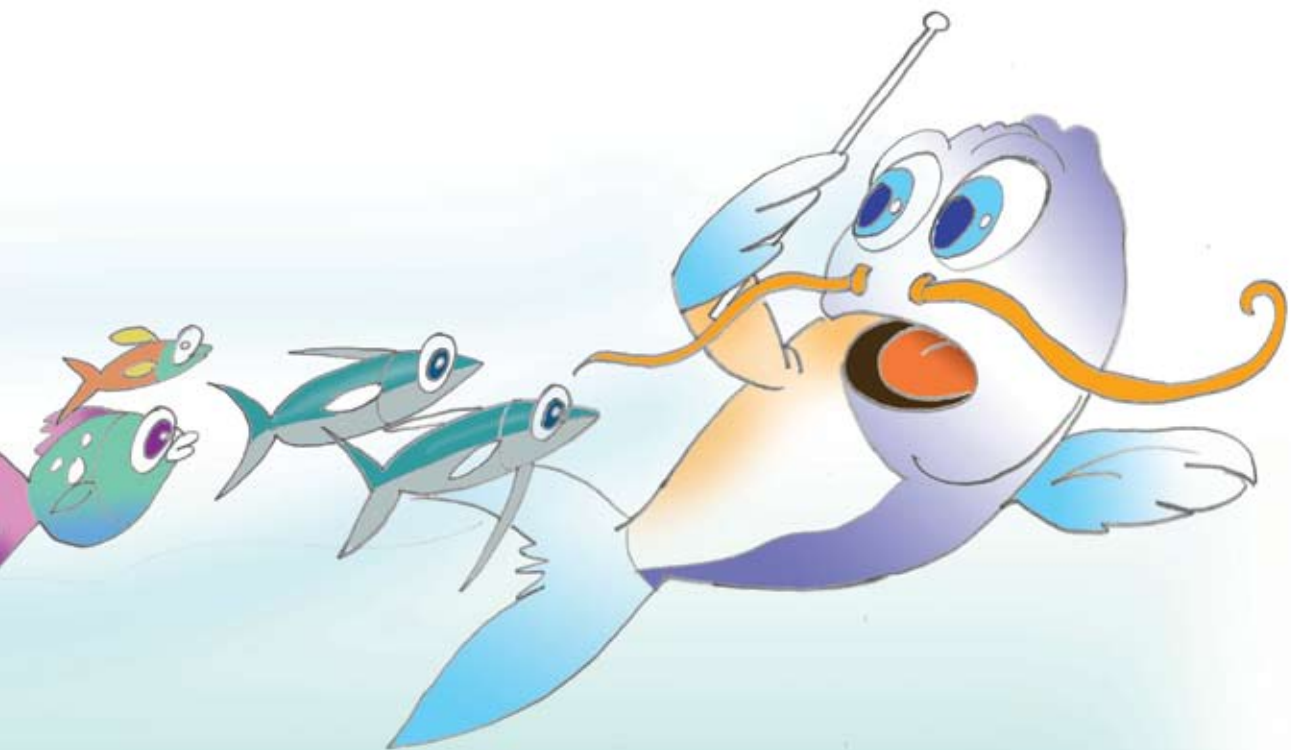
A fila crescia, crescia, crescia....!

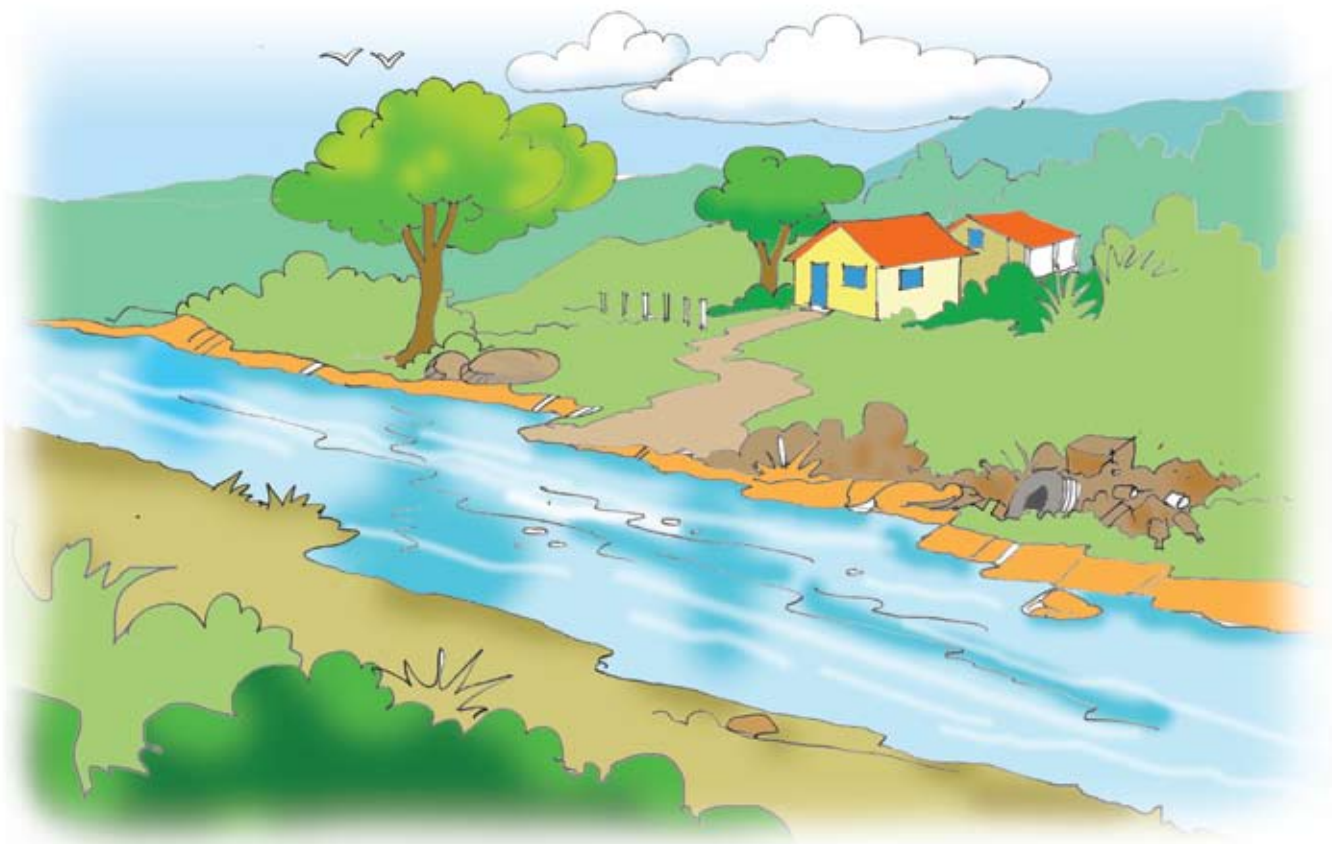
Pingo, o menor dos peixes, era o último da sequência. Sempre! E nadava sem ouvir as palavras de ordem do peixe-mestre, à frente da fila. Por não escutar, ele facilmente se distraía. Bastava passar por algo diferente e... pronto!

A fila nadava e Pingo ficava para trás. Por isto, o peixe-mestre dizia sobre ele:

- Peixe do miolo mole! Vive com a cabeça nas nuvens!







Nuvens! Pingo bem sabia o que eram as nuvens! Sempre que conseguia nadar até a parte mais alta do rio, a primeira coisa que ele via eram as nuvens. Mas, isso acontecia, quando conseguia escapar do olhar da mãe, que estava sempre a repetir:





- Lá em cima não é lugar pra peixe! Muito menos para um pingo de peixe feito você. Nunca invente de nadar pra lá, está me ouvindo?

Ouvir, até que ele ouvia. Mas, ouvia mais era o coração, movido pela vontade de ver a terra lá de cima. Vontade que, quase sempre, esbarrava no alerta:

- Quando acaba o rio, começa a terra das gentes! Para elas, nós não valemos nada! Só servimos para virar comida!

Quando a mãe falava assim, Pingo ficava arrepiado de medo! Jurava para si mesmo que não iria nunca mais à superfície. Mas, era só sentir uma vontade bem forte de ver o mundo das gentes, que esquecia tudo e nadava até sentir a água ficar mais morninha. Ali ele já sabia: estava perto de ver as nuvens, e um pouco da terra das gentes.

- Acho tão linda a terra lá em cima! Será que as gentes são perigosas mesmo?

Levou maior susto, quando um peixe carrancudo apareceu de repente e respondeu:

- Claro que são! A terra das gentes não é lugar para peixes, entende? Muito menos para um pingo de peixe como você!

- Que susto! Olha eu não acredito que as gentes sejam assim...um perigo tão grande para nós, os peixes!

- Ah, é? Então vá lá pra cima, pra ver! Logo, logo, você acaba virando comida!



- As gentes que vi, pareciam tão legais! Eu tenho vontade de me comunicar com elas, sabe? Se entendessem o peixolês...!

- Você tem vontade de se comunicar com as gentes lá de cima? Ai que sua mãe precisa saber disso, Pingo! Só para lembrar: seu pai deu bobeira e virou comida! Só para lembrar!

- É...a minha mãe falou. Mas eu acho que tem umas gentes que gostam dos peixes. Quem sabe não podemos ser amigos? Ensinamos nosso peixolês e aprendemos...qual mesmo a língua que falam lá em cima?

- Não sei, nem quero saber! Acho que eles não falam língua nenhuma. Só sabem enganar, com minhocas!

- Minhoca tem gosto de quê?

- De dor! Só de dor!

- De dor? Como assim? Um dia, eu vi um menino sentado perto do rio, comendo uma comida que parecia minhoca. Um prato grandão. E o menino parecia feliz!

- Devia ser marca arrão.

- O que é isso?

- Não sei bem, mas acho que é um tipo de minhoca. Pelo menos é o que parece ser. Vi a foto desse tal marca arrão em um saco, boiando no rio.

- E por que minhoca tem gosto de dor?

- Tá vendo esse buraco aqui? Pois bem: fui comer uma minhoca e...quase fui fisgado. Sorte que consegui me libertar.

- Nossa! E eu pensei que esse buraco fosse de um piercing que caiu.



- Piercing? O que é piercing? Nunca ouvi falar nessa palavra em todo o rio!
- Foi uma menina que estava tomando banho, que falou sobre piercing. O dela caiu e ela ficou com um buraco no rosto. Igual ao seu!
- Viu no que dá ficar ouvindo conversa dessas gentes? Sua mãe precisa mesmo saber por onde você está nadando, seu Pingo! E eu vou contar para ela, ainda hoje, está me ouvindo? Ainda hoje....!

Pingo ficou muito triste! De repente sente algo diferente!

- Ai, o que foi isso? Nossa, que água suja, fedida! Acho que as gentes lá de cima fizeram sujeira na água. Devem ter comido minhoca estragada, quer dizer ...marca arrão estragado, para terem feito uma sujeira tão fedida assim! Eca!



Sai apressado e encontra outros peixes.

- Gulha, vamos brincar?

- Não, não vou.

Não gosto de brincar com
peixes do seu tamanho!



- Sardina, vamos brincar?

- De quê?

- De se esconder.

- Não, não quero.

- Então, quer brincar de quê?

- Não quero brincar. Já sou
um peixe quase grande.
E peixes grandes não brincam!
Têm muito o que fazer!

- A gente podia nadar até
lá em cima, para dar uma
espiadinha na terra das gentes.



- Tá doido? Minha mãe iria me matar!
- Ah, mas ela nem vai saber que fomos lá! Não precisa contar!
- E se ela descobrir? Não sabe como são as mães?
- Descobre nada! As mães são sempre muito ocupadas. Vivem nadando pra lá e pra cá, sempre às pressas!
- Eu não quero. Acho que lá em cima não tem nada que eu queira ver. Dizem que é tudo cinza!
- Ih! Você que pensa! Na terra das gentes, tem muitas coisas bonitas!
- Ah, é? Que tipo de coisas?
- Os pássaros, por exemplo. São lindos.
- Pássaros?
O que são pássaros?
- Eu não sei explicar.
Imagine peixes que cantam e voam.
É mais ou menos assim.
- Eita! Que mentiroso! Lá em cima só moram as gentes!
Que não gostam nem um pouquinho dos peixes.
- Não, não! Eu já vi crianças!
E elas pareciam gostar dos peixes.



- Como são?
- Grandes. Quer dizer, depois ficam muito maiores. E são alegres!
- São grandes feito o quê?
- Feito ...ah, nem sei dizer!

Só sei que crescem! **CRESCEM**

- Seu Oráculo falou que lá em cima moram muitas gentes. São grandes, milhares de vezes maiores que nós e têm uma rede mortífera. Eles criam minhocas para nos enganar. São inimigos dos peixes, sabia?

- É, minha mãe falou. Tão triste pensar que pode ser assim! Mas pode crer: lá em cima é lindo! E, olha, amanhã, vou subir para ver as nuvens, os pássaros. Não quer ir comigo? Quem sabe não veremos outras gentes? Até hoje só vi crianças.

- Você é louco? Vai que nos pegam!

- Pegam nada! Somos velozes!

- Sabe o que mais? Eu não acredito em nada disso que você falou, Pingo! Não é à toa que dizem que você é um peixe do miolo mole! Que tem a cabeça nas nuvens. Onde já se viu: peixes que cantam e voam!

- Não são peixes! São pássaros!

- E crianças que são grandes e que ficam enormes! Gigantes!

- Não são gigantes. São crianças que crescem. Acho que isso é normal, na terra das gentes.

- E quer me dizer que lá em cima não é perigoso? Até parece que nossas mães mentem! Que seu Oráculo inventa todas aquelas histórias, só para nos amedrontar!



- E se mentirem?



- Não, não mentem! As mães nunca mentem! Nunca, nunca, ouviu bem? E Seu Oráculo? Ele sabe de todas as coisas! Não erra nunca, Pingo! Sabe o que mais? Acho que não é bom nadar com você! Cada ideia...!

- Que lugar mais sem graça, esse rio! Sabe o que mais, vou aproveitar e nadar, nadar, até....ver o céu! Dar uma espiadinha na terra das gentes.

Olha! As crianças! Como se divertem na água! Sabe que me deu uma vontade enorme de ser gente? Gente! Pra pular daquele jeito, jogar bola e até comer aquela minhoca diferente, chamada, como é mesmo o nome? Ah, lembrei: **marca arrão!**

- Tá falando besteira, peixe!





- Que susto! Quem falou?
- Eu! Aqui, ó!
- Que estranho! Você é um peixe? É daqui ou é da terra das gentes?
- Sou de lá e sou de cá. Sou um sapo! E para acabar com a sua alegria, vou logo dizendo: nem pense em ser gente! E tenha cuidado com essas crianças! Outro dia, foi por pouco que escapei de uma delas.
- O que ela fez com você?
- Quando me viu, deu um grito tão alto, que atraiu outras gentes. E, para elas, eu era um monstro! Jogaram pedras. Saí pulando, até o rio e escapei. Foi por pouco.
- Nossa!



- As gentes são confusas! Muito, muito confusas. E têm poderes mágicos!

- Verdade? Como assim?

- Dizem que, se me dão um beijo, eu viro um príncipe. Sabe o que é príncipe, não sabe?

- Sei, sei. Mas, beijo? O que é beijo?

- É uma mágica!

Mágica que transforma sapos em príncipes!
Para sempre! E eu lá quero ser transformado?



- Peixes também viram príncipes?

- Não sei! Acho que nenhum peixe serve para ser príncipe na terra das gentes.

- Que pena!

- Olhe para mim! Está me vendo na água, não está?

- Sim!

- Pois na terra das gentes, vivem cantando que eu **NÃO lavo o pé!** E que tenho **chulé.**

- Chulé? E o que é chulé?

- Até hoje não descobri! Mas, quando falam isso, fazem uma cara tão feia, que sei: não deve ser coisa boa!

- Que injustiça!



- E quando estão com raiva, dizem que estão inchados feito um sapo! Olhe pra mim: eu sou um sapo inchado?

- Não! O senhor é só fofinho!

- Ah! E quando fazem uma coisa que não gostariam de ter feito, sabem o que falam? Que tiveram que engolir um sapo!



- Então... é assim que pensam todas as gentes?



O sapo não respondeu! Pulou para longe.

Mas, Pingo não percebeu o perigo e foi pego!

Quando deu conta, estava dentro de um pote transparente!
E o rio foi ficando cada vez mais longe!



- Filha, peguei um peixinho para você!
 - Um peixinho! Lindo, pai!
 - Vai levar pra casa? Peixe não se comunica com a gente! Não serve pra nada! Vá devolvê-lo ao rio, Verinha! Querido, péssima ideia!
 - Não, mãe, por favor!
Diga que posso ficar com ele.
Tão pequeno e tão lindo!
Será meu animal de estimação.
- O coração de Pingo faltava pouco sair pela boca.
- Gentes! Gentes gigantes!
Que não gostam dos peixes!



Ao chegar a sua casa, Verinha transferiu Pingo para um aquário.

E a vida do peixe, que tinha o comprimento do rio, passou a ser redonda como a lua cheia que ele conheceu, na primeira noite que passou no aquário.

- O que será aquilo lá em cima? Eu achava que acima do rio, só havia luz na terra das gentes! Mas, e aquela bola acesa, que não cai? Quem estará sustentando a bola lá em cima?



Meses depois, Pingo já não sentia saudade da vida no rio. Lá onde ninguém acreditava nele, onde ele era apenas o menor de todos os peixes.

- Na terra das gentes, não sou o último. Sou o único!

Demorou a acostumar com algumas coisas. No começo, quando Verinha entrava no quarto e acendia a luz, ele tremia de medo. E mais medo sentia, quando Verinha se aproximava do aquário, quase encostava o rosto no vidro e fica olhando os seus movimentos.

- Amo você, seu lindo!
Meu pinguinho de peixe!

A vida no aquário era boa!
Todos os dias recebia comida e carinho!
Com o passar do tempo, quando a menina entrava no quarto e acendia a luz, ele sentia um sentimento que na terra das gentes se chama **felicidade**.



Pingo já não sentia mais medo. Tinha certeza: na terra das gentes não existem perigos! E seu único desejo era, um dia, virar gente! Quem sabe, um dia, por um beijo de Verinha...!

Naquela noite, a menina voltou para casa diferente! Antes de falar com ele, ficou uns segundos de frente para o espelho. Prendia a respiração e depois a soltava bruscamente, como a querer mudar alguma coisa.



- Peixinho, peixinho, estou cada vez mais gorda! E, na escola, todos riem de mim!

A tristeza de Verinha fez Pingo lembrar as vezes que os peixes zombaram do seu tamanho. E ele também se sentiu triste. Desejou nunca ter morado no rio.

- Lá, eu nunca seria gente! Não ouviria os pássaros. E não conheceria aquela bola de fogo que vez por outra aparece no céu. Se eu falasse sobre qualquer uma dessas coisas, não acreditariam em mim!

Os peixes são muito esquisitos! E, alguns, até perigosos!

Inventam mentiras! Inventam mentiras que dão medo!





Muitos dias se passaram. Muitas luas brilharam no céu. A menina que era grande, foi ficando cada vez maior. E tinha tanto o que fazer! Igual à mãe de Pingo.

- No rio ou na terra das gentes, parece que quando se fica grande, o tempo encurta!

Por que será?



A menina que falava com ele todos os dias, agora só lhe mandava uns beijinhos, a distância. Mas fazia boca de peixe e o Pingo ficava feliz. E esperava:

- Qualquer dia, a mágica...!



Mas os dias se seguiam e havia menos palavras, menos beijos, menos a menina no quarto.

Naquela noite, ele desejou admirar a lua – bola iluminada, que o encantava. Mas a janela continuava fechada. Assim foi, durante dias. Pela primeira vez, Pingo sentiu o que na terra das gentes se chama **solidão**!

E ela tornou os seus dias longos, compridos... como o rio.



Mas uma tarde, a porta se abriu. E por ela entrou a alegria! Verinha... tão grande!
- Nossa! Ainda bem que agora posso descansar!



A menina jogou a bolsa sobre a cama, soltou os cabelos e abriu a janela.



- Vou viajar! Enfim, férias! Vou Viajar! Ah! E você meu peixinho? Ando tão sem tempo para cuidar de você! Olha só como essa água está suja! Sabe o que mais? Vou devolvê-lo ao rio!

Pingo ficou mudo. Paralisado. Gelado de medo. Parecia até que no rio estavam os perigos e as ameaças que sua mãe dizia estarem na terra das gentes.



Muitas manhãs e muitas noites se passaram e mudaram as vidas: dos peixes e das gentes.

Na casa verde, Vera Lúcia banhava a filha. E cantava uma canção:

- “O sapo não lava o pé/Não lava porque não quer/
Ele mora lá na lagoa/ Não lava o pé porque não quer/
Mas que chulé”.

A criança batia na água e molhava o chão. E a mãe sorria:

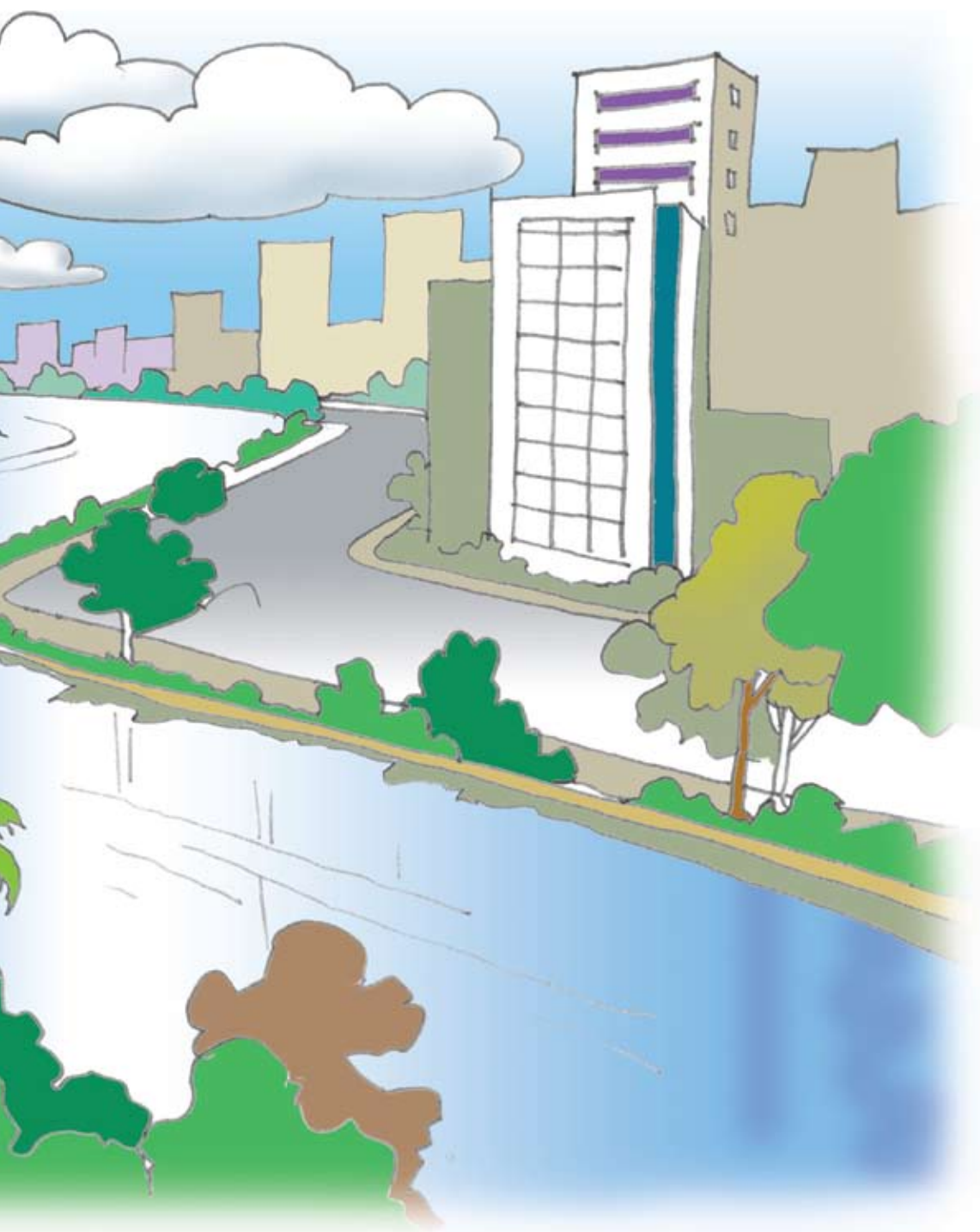
- Meu pingo de gente! Meu peixinho lindo!



Um aquário redondo, emborcado em cima de uma prateleira, guarda a história do peixe que, quem sabe, ainda viva nas águas do rio, que banha a terra das gentes.









Pingo nasceu de questionamentos e admirações pela vida. Por vezes, é preciso ter a cabeça nas nuvens, para conseguir pisar bem, na terra “das gentes”. Com poesia e com afeto, as durezas da vida ficam mais maleáveis. Um pingo daqui, outro pingo dali...!

Não sei como falar em meio ambiente sem falar de sentimento. Das diferentes percepções de mundo. É disso que quero tratar neste texto! Com um pingo de ousadia e outro pingo de distração!

Franci Palhano
Autora

REALIZAÇÃO:

CPRE Agência
Estadual de
Meio Ambiente

Secretaria de
Meio Ambiente e
Sustentabilidade

